

Oliveira, C. C. (2005). Como educar para a saúde? *Público* (Fevereiro).

# Como educar para a saúde?

**Clara Costa Oliveira**  
*Universidade do Minho*

Promover a Educação para a Saúde em contexto escolar é abrangido pela categoria “educação formal”, aquela que ocorre em espaços reconhecidos pela nossa sociedade como sendo locais que desenvolvem a instrução e a aquisição de saberes específicos; tratam-se também de instituições que possuem estatuto social para certificar as pessoas como tendo adquirido uma mais valia ao nível da aprendizagem. A dimensão formal escolar existe, por exemplo, na aprendizagem de conteúdos lectivos de determinadas disciplinas (como Biologia) cujos conteúdos se inserem nas temáticas de Educação para a Saúde.

A Educação para a Saúde ocorre também em contextos não formais da Educação quando se verifica, por exemplo, que um grupo de pessoas planeou sessões de desenvolvimento da aprendizagem humana numa determinada área, mas no final das sessões as pessoas não são certificadas. Isto ocorre muitas vezes em contexto escolar, quando os docentes (e/ou os alunos) organizam sessões sobre alimentação, toxicodependência, tabagismo, sida, etc. A Educação para a Saúde (formal e não formal) em contexto escolar costuma focalizar-se na prevenção e na reabilitação de doenças, sobretudo no que respeita aquelas que atingem grande número de pessoas numa determinada sociedade.

A dimensão provavelmente mais importante para a Educação para a Saúde em contexto escolar é aquela que ocorre de modo informal, aquilo que se aprende nos corredores e nos recreios; um exemplo clássico desta situação é a aprendizagem sobre sexualidade.

O que se ouve neste mesmo espaço físico que é a escola/agrupamento é por vezes muito diferente conforme o contexto seja formal, não formal ou informal e esta dinâmica, nem sempre lógica nem coerente, constitui uma fonte de conhecimento, mas também de questionamento. Mundos novos se descobrem na informação e nas conversas partilhadas, e muitos deles nos deixam perplexos.

Ainda que a saúde como ausência de doença seja a concepção mais divulgada, penso ser especialmente importante não nos esquecermos que, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), ser saudável significa viver em equilíbrio e em bem-

estar biopsicosocial<sup>1</sup> e espiritual. Assim se compreende que as questões ambientais sejam consideradas uma preocupação da Educação para a Saúde; projectos colectivos e atitudes individuais que estimulem a integridade ética, a generosidade, o altruísmo deveriam sê-lo também. Conseguir conceber e construir projectos comuns com pessoas bem diferentes de nós poderia ser a prioridade da Educação para a Saúde (no sistema educativo em geral, e não só no subsistema educativo escolar) pois se não conseguirmos concentrar-nos nos objectivos que temos em comum, seremos destruídos pelas consequências da nossa focalização exclusiva naquilo que nos diferencia (como a classe social, o nível de literacia, a nação a que pertencemos, a cor que a nossa pele possui, a fé que professamos, etc).<sup>2</sup>

O campo de acção da Educação para a Saúde estende-se então muito para além da informação, instrução e divulgação de dados que possam prevenir o surgimento de algumas doenças, ou que possam ajudar na sua recuperação. Educar para a Saúde significa também questionarmo-nos sobre aquilo em que acreditamos, ouvir o que os outros defendem, e disponibilizar-nos sobretudo para aprendermos a ver (também) com os olhos de outros.

Isto implica um respeito não paternalista por quem vive formas de vida consideradas estranhas pelas sociedades políticas e económicas nas quais nos movimentamos; desenvolver a compaixão, o saber e a cidadania nos outros não implica nem desresponsabilizá-los ética e socialmente pelos seus actos, nem deixarmos de ter direito a possuímos as nossas crenças. Aceitar um outro como um igual a mim implica reconhecê-lo como alguém a quem cabe o direito de ser meu adversário, sem que isso implique eu odiá-lo.

Conseguir transpor para jornais escolares a riqueza da aprendizagem formal, não formal, informal que ocorre nas escolas/agrupamentos no que concerne ao equilíbrio e bem-estar das nossas crianças e jovens é algo a que o *Público* vos desafia.

A organização de actividades com todos os agentes escolares será certamente valorizada, e será talvez importante não nos esquecermos que os encarregados de educação e os funcionários não docentes são também agentes educativos das escolas, para além dos autarcas, dos centros de saúde, das igrejas (maioritárias e minoritárias), etc.

---

<sup>1</sup> OMS (Organização Mundial da Saúde) (1986) *Declaração de Ottawa sobre Promoção da Saúde*. <http://saudeemmovimento.com.br/conteúdo> (22.12.02).

<sup>2</sup> Cfr. Clara Costa Oliveira (2004). *Auto-organização, Educação e Saúde*. Coimbra. Ariadne.

Com efeito, as escolas existem dentro de uma comunidade na qual devem intervir activamente em todos os momentos do seu funcionamento, e não apenas em momentos escolares determinados (como nas “semanas culturais”). As outras instituições sociais não podem também esquecer-se do papel potencialmente transformador que as escolas possuem nas dinâmicas comunitárias e a troca de experiências está já a ser alargada em muitos projectos educativos de escolas/agrupamentos em que outras instituições estão a ser chamadas a participar activamente, numa interacção mais interpeladora do que meras visitas esporádicas de profissionais de saúde às escolas e de participação do poder político local em reuniões pontuais dos órgãos de gestão escolar.

A família constitui um dos agentes privilegiados na educação das nossas crianças e jovens; o seu envolvimento em actividades ligadas à Educação para a Saúde exige por vezes aos agentes escolares um contacto directo para além do espaço escolar. Os jornais escolares constituem um instrumento indubitável de comunicação da escola com a família e podem tornar-se pretexto educativo em contexto familiar.

Em conclusão, as crianças e os jovens tentam continuamente articular todas as dimensões das suas vidas num padrão de significado próprio que os torna seres únicos, insubstituíveis; aos adultos cabe descobrir como o fazem, e criar-lhes possibilidades de o realizarem com a maior alegria e felicidade possíveis. O objectivo deste concurso consiste sobretudo em estimular esse processo, no que se refere à Saúde, dentro das comunidades escolares, bem como divulgá-lo entre as outras comunidades escolares e a população em geral.